



4259 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR DE ESTUDANTES PORTUGUESAS E BRASILEIRAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS BRASILEIRA E DINAMARQUESA

Lenira Haddad - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Claudia Denise Sacur Marques - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq e FAPEAL

O presente artigo apresenta os resultados de um trabalho realizado no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) da Universidade Federal de Alagoas como parte de uma pesquisa intitulada "Compreensões da prática pedagógica de Educação Infantil: observações de segunda ordem a partir de videogravação". A referida pesquisa é uma réplica da pesquisa realizada por Jytte Juul Jensen "Compreensões da prática pedagógica dinamarquesa" que buscou compreender a profissão do pedagogo numa perspectiva internacional, envolvendo as práticas pedagógicas de EI de três países: Dinamarca, Inglaterra e Hungria. A versão brasileira envolve duas experiências contrastantes de instituições públicas de EI, do Brasil e da Dinamarca. Dois filmes de 30 minutos de cada experiência foram produzidos e apresentados a 11 Grupos Focais de diferentes perfis. O objeto deste artigo abarcou a participação e análise de dois GF que envolveram estudantes brasileiras do curso de Pedagogia da UFAL e estudantes portuguesas do mestrado profissional em Educação Pré-escolar da Universidade de Évora, em Portugal. Dentre os temas mais salientes, quatro mereceram destaque nesse artigo: ambiente (atmosfera); autonomia, liberdade e desafio; acolhida e presença dos pais; e gênero.

Introdução

Este artigo apresenta os resultados de um trabalho realizado no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) da Universidade Federal de Alagoas como parte de uma pesquisa mais ampla intitulada "Compreensões da prática pedagógica de educação infantil: observações de segunda ordem a partir de videogravação". A referida pesquisa é uma réplica da pesquisa realizada por Jytte Juul Jensen "Compreensões da prática pedagógica dinamarquesa" (JENSEN, 2011) que buscou compreender a profissão do pedagogo (na Dinamarca esse profissional atua diretamente com crianças em instituições de educação infantil) numa perspectiva internacional. O método utilizado foi *Sophos* (Second Order Phenomenological Observation Scheme - Esquema de Observação Fenomenológica de Segunda Ordem), cujo foco são as observações de segunda ordem. De acordo com Hansen e Jensen (2004), essa metodologia volta-se para como os grupos de profissionais observam as práticas que foram visualizadas nas videogravações. A pesquisa realizada por Jensen (2011) envolveu os seguintes passos: videogravação da prática pedagógica de uma instituição de EI de cada país participante, no caso Dinamarca, Inglaterra e Hungria; edição dos filmes com duração de 30 minutos; apresentação dos filmes editados a grupos focais dos países envolvidos no projeto e gravação da discussão do que foi observado nos filmes; transcrição das discussões dos grupos focais que irão fornecer dados para a análise.

A pesquisa de Jensen (2011) é inspirada no método de pesquisa utilizado por Tobin, Wu e Davidson (2008) na obra *Educação Infantil em Três Culturas: Japão, China e Estados Unidos*. O estudo desses últimos autores consiste em relatos sobre instituições de Educação Infantil em três culturas: Japão, China e Estados Unidos, buscando revelar o que elas se dispõem a fazer e ser. O método de pesquisa utilizado foi a etnografia visual e multivocal. A primeira traz imagens de videogravação sobre o cotidiano das instituições de Educação Infantil com objetivo de envolver cenas de chegada e partida, brincadeiras, relação professores-crianças, pais-crianças e crianças-crianças, refeições, banheiro e sono, de modo a refletir sobre a rotina de cada contexto de educação infantil. A etnografia multivocal oferece a possibilidade de dar a voz não só aos pesquisadores, como também aos professores, pais e gestores das instituições dos países envolvidos, profissionais dos mesmos países e de outros países. Os Grupos Focais são um conjunto de pessoas selecionadas pelos pesquisadores para discutir sobre o tema do objeto de pesquisa no intuito de compreender o ponto de vista dos participantes. Segundo Gatti (2005), trabalhar com grupos focais dá a possibilidade de compreender as práticas, comportamentos e atitudes através da troca de experiências, interações e discussões durante aquele momento.

A edição brasileira da pesquisa envolveu duas experiências contrastantes de instituições de EI de rede pública em dois países: Brasil e Dinamarca. A ideia de experiências não familiares é baseada na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2005), que partindo delas permite que sirvam como inspiração ou provocação para os observadores de modo a acionar mecanismos de classificação, categorização e explicação das compreensões das práticas pedagógicas.

Foram produzidos dois filmes de 30 minutos cada em duas instituições de educação infantil, da Dinamarca e Brasil envolvendo situações específicas do cotidiano educacional tais como: afazeres de cunho diário (entrar e sair da instituição, comer, lavar as mãos etc.); situações de brincadeiras livres, iniciadas pelas crianças; situações de atividades estruturadas, planejadas pelo adulto. Foram realizados 13 GF, sendo que dois foram pilotos, resultando num corpus constituído de 11 grupos focais com os seguintes perfis: (2) estudantes do Programa de Pós-graduação em Educação da UFAL; (4) professores de centros de educação infantil, sendo um grupo de educadores de infância de Évora; (1) coordenadores pedagógicos de um centro de educação infantil; (2) estudantes em formação inicial, um do curso de Pedagogia da UFAL e um do mestrado profissional em Educação Pré-escolar da Universidade de Évora; (2) acadêmicos especialistas, um no estado de Pernambuco e outro em São Paulo. Após o encaminhamento do projeto ao Comitê de ética e sua aprovação, todos os envolvidos na pesquisa, instituição e observadores, foram convidados a preencher e assinar o TCLE.

O trabalho associado ao PIBIC e objeto desse artigo envolveu a participação na geração de dados e na análise de dois grupos focais que envolveram estudantes: o GF10 que reuniu quatro estudantes do 7º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal); e o GF11 que reuniu cinco estudantes de mestrado profissional em Educação Pré-escolar da Universidade de Évora, em Portugal. As sessões de grupo focal tiveram em torno de 45 a 50 minutos de duração, nas quais foi lido o TCLE para as observadoras preencherem

e assinarem. As discussões foram gravadas em áudio e vídeo com uma câmera fotográfica, um tripé e um gravador de áudio. As sessões foram transcritas e depois codificadas a partir da leitura flutuante (BARDIN, 2016) da discussão de cada grupo, nos quais os temas mais frequentes, as cenas mais mencionadas, sentimentos e reflexões foram sinalizados com cores distintas. Utilizou-se o software NVivo 12 para definir as principais categorias de análise e dos nodes contidos nos grupos focais; e por último, procedeu-se à análise de dados que serão mostrados no tópico a seguir.

Resultados e discussões

Os temas gerados a partir das discussões dos grupos focais permitiram identificar padrões de compreensão das práticas pedagógicas da educação infantil através dos pontos de vista, experiências, valores e crenças das participantes.

Os temas mais presentes no grupo focal das estudantes de pedagogia da Ufal foram: ambiente (atmosfera); organização do trabalho pedagógico; gênero; autonomia, liberdade e desafios; formação e cultura; e papel do adulto. Em relação às estudantes portuguesas, os temas que mais se destacaram foram: autonomia, liberdade e desafios; uso do espaço exterior; acolhida e presença dos pais; quantidade de crianças; refeições; e organização do espaço.

O tema **ambiente (atmosfera)** está relacionado à estrutura, organização do espaço, a circulação das crianças, a relação adulto-criança e instituição-família. A experiência dinamarquesa foi a mais referida em relação a este tema pelas estudantes da Ufal, que consideraram o lugar como um sonho porque “tem mais espaço, tem mais brincadeiras, tem mais opções” (GF10), onde há um olhar diferenciado para as crianças, num espaço que recorda o seio familiar e espaços de uma casa com mobília proporcional às crianças e muito bem cuidado. Destacaram a participação ativa das crianças e a construção coletiva como, por exemplo, preparar a mesa para as refeições, dar comida às galinhas ou o contato com os bichos. As estudantes portuguesas mostraram empatia com o ‘ambiente familiar’ da experiência dinamarquesa, como os educadores estarem à vontade “como se estivessem em casa” e caracterizaram o ambiente da instituição dinamarquesa como aquele não traz “tantas formalidades, havendo mais afetividade” (GF11). Para essas estudantes, a relação adulto-criança é de proximidade, pois durante as atividades foi mais frequente ver um educador com um grupo de duas ou três crianças do que com um grupo maior, salvo na hora da fogueira e da música.

O tema **autonomia, liberdade e desafio** também remeteu mais à experiência dinamarquesa que brasileira. As estudantes portuguesas ressaltaram que a experiência dinamarquesa proporciona autonomia às crianças pelo fato de terem maior liberdade em circular entre os espaços e pela “oportunidade de explorar diferentes ambientes sem o medo do perigo” (GF11). A cena das crianças usando facas para cortar os galhos para fazer espeto que levaria o pão à fogueira foi uma das que chamou mais atenção aos dois grupos focais: para o grupo das estudantes brasileiras o uso da faca causou estranheza porque as crianças podiam se machucar, sendo que na realidade delas “se tiver alguma coisa pontiaguda que possa quebrar ou machucar é proibido” (GF10); para o grupo das portuguesas essa situação possibilita uma “aprendizagem de terem contato com o risco” (GF11), pois consideram que é fundamental desenvolver essas competências na infância, assim serão mais capazes de enfrentar os perigos. Ambos os grupos reconhecem que em seus lugares de fala, um no Brasil e outro em Portugal, em seus currículos e organização das ações pedagógicas não é permitido uma criança ter contato direto com instrumentos que possam ser perigosos, pois cabe ao adulto essa função de utilizá-los. Dessa forma, assumem que essa restrição é uma questão cultural por viverem em um contexto de mais medo, em que o risco é um fator negado pela sociedade porque a criança é considerada um ser frágil, sem capacidade para esse tipo de experiências.

Em relação à experiência brasileira, as estudantes portuguesas destacaram o fato das crianças tratarem a professora por “tia”, e indagam se isso estaria associado à existência de “alguma proximidade e um ambiente mais familiar” (GF11), expondo que em Portugal as crianças até aos seis anos de idade “normalmente tratam pelo primeiro nome da educadora” (GF11). Tobin et al. (2008) evidenciam que as diferentes perspectivas encontradas na discussão sugerem diferenças culturais importantes entre os países e podemos perceber como aquela forma de tratamento à educadora brasileira pelas crianças é uma situação considerada exótica para as estudantes portuguesas argumentando que na cultura delas a educadora é tratada pelo nome próprio.

Outro tema realçado entre o grupo das estudantes portuguesas foi **acolhida e presença dos pais** em que teve maior destaque a cena em que um pai leva o seu filho à instituição de EI dinamarquesa e tem uma conversa com a pedagoga. As portuguesas consideram “importante os pais terem um momento de partilha com a educadora” (GF11) e não apenas como um espaço de depósito onde largam os seus filhos e vão embora. Para a realidade delas, acreditam ser difícil manter uma proximidade com os familiares porque “a grande maioria (dos pais) quer falar um pouco e é sempre um momento por vezes complicado porque [...] eles desestabilizam um pouco, como são muitos, não é fácil”. Contudo, pressupõem que para o próprio processo de desenvolvimento da criança faz-se necessário essa relação entre a instituição e os familiares porque são essas “peças do puzzle que vão vindo do exterior [...] e a educadora percebe a identidade, que é aquela criança”.

A presença masculina ou o tema sobre **gênero**, apesar de não ter sido abordado entre as estudantes portuguesas, teve maior destaque entre as estudantes brasileiras, pois a discussão girou em torno dos valores culturais que são definidos por um contexto histórico marcado pelo preconceito da presença do homem na educação infantil no Brasil, que até então continua a ter participação massiva da mulher. A maior parte das estudantes brasileiras expressou certo desconforto e estranheza ao visualizar a cena no vídeo da Dinamarca com a criança ao colo do pedagogo, pois de acordo com elas o preconceito está impregnado na cultura brasileira pelo que mostra a mídia como, por exemplo, casos de agressão ou violação que estão associadas ao homem na maioria das vezes. Por outro lado, uma das participantes brasileiras afirma que não vê qualquer problema um homem assumir o papel de educador de infância porque, para ela, isso faz parte da cultura e o que se deve levar em conta é o bom profissional e para sê-lo tem que ter caráter, comentando: “não tem nada a ver com ser homem ou ser mulher, para mim isso é uma falha de caráter”, ou seja, não é o gênero que determina o fato do sujeito ser bom ou mau profissional.

Considerações finais

A pesquisa apresentada utilizou a metodologia *Sophos* com o objetivo de obter compreensões de práticas pedagógicas da educação infantil de duas experiências contrastantes em dois países, Dinamarca e Brasil, a partir da observação de dois grupos focais de estudantes de pedagogia.

A partir das discussões foram gerados temas entre os dois grupos focais, dos quais foram selecionados quatro para uma análise mais aprofundada: ambiente (atmosfera); autonomia, liberdade e desafios; acolhida e presença dos pais; e gênero. A escolha desses temas girou em torno do que as participantes observaram e que teve maior relevância ao revelarem os seus pontos de vista, opiniões, sentimentos, emoções e expressões. Pudemos perceber que as estudantes brasileiras e portuguesas tiveram uma reação positiva sob o impacto de sentimentos provocados pelo não familiar em relação à experiência dinamarquesa, de modo que é um modelo que pode servir de inspiração à educação infantil no Brasil pelo ambiente da instituição dinamarquesa, pela sua organização do trabalho pedagógico, pela

autonomia das crianças e o acolhimento contemplado naquele lugar.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. RETO, L. A.; PINHEIRO, A. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Parecer nº. 20/2009 - CNE/CEB**. Aprova a revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009.

CAVALCANTE, G. de O. **Formação de profissionais de educação infantil no ensino superior**: Uma reflexão acerca das contribuições das pesquisas científicas para se repensar essa formação (2000 - 2012). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Alagoas, 2014.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

HANSEN, H. K.; JENSEN, J. J. **A study of understandings in care and pedagogical practice** experiences using the Sophos model in cross national studies. Londres, 2004.

JENSEN, J. J. Understandings of Danish Pedagogical Practice. In: CAMERON, C.; MOSS, P. **Social Pedagogy and Working with Children and Young People**. Londres; Filadélfia: Jessica Kingsley, 2011. p. 141-157.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TOBIN, J. J.; WU, D. Y. H.; DAVIDSON, D. H. **Educação infantil em três culturas**. São Paulo, Phorte Editora, 2008.

[\(autor suprimido\)](#); JENSEN, J. J. **Um dia em uma instituição dinamarquesa de educação infantil de idades integradas** Maceió: Edufal, 2017 (Vídeo).

[\(autor suprimido\)](#). **Uma manhã em uma instituição de educação infantil da rede municipal de Maceió** Maceió: Edufal, 2017 (Vídeo).

[\(autor suprimido\)](#). Relatório de pesquisa: compreensões da prática pedagógica de educação infantil: observações de segunda ordem a partir de videogravação. Maceió: UFAL, 2018.